



Portugal não é país de brandos costumes

Estudo inédito do Centro de Estudos Sociais faz o retrato do uso de armas e da violência em Portugal e desmistifica ideias feitas

Ana Margalho

■ Em Portugal haverá 2,6 milhões de armas de fogo e praticamente metade delas (46%) são ilegais. Existirá, pois, uma média de 2,5 armas por 10 habitantes, o que é mais do dobro do que a Amnistia Internacional considera ser a média mundial (uma arma por 10 habitantes).

Em média, são extraviadas ou furtadas quatro armas por dia no nosso país, tendo em conta as quase seis mil contabilizadas entre 2004 e 2008. Isto para além de o número de apreensões de armas ilegais ter aumentado 146% a partir de 2006, altura em que entrou em vigor uma nova lei nesta matéria.

«Portugal está longe de ser um país de brandos costumes». E esta é apenas a ponta de um longo e complexo véu, levantado por uma equipa do Núcleo de Estudos para a Paz e Observatório sobre Género e Violência Armada do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, liderada por José Manuel Pureza e Tatiana Moura, que realizou um estudo inédito sobre "Violência e Armas Ligeiras: um retrato português".

«As armas de fogo, especialmente as de caça, não são recentes no nosso país. E o seu uso e mau uso também não», conclui a equipa, que apresenta o estudo hoje no CES, em Lisboa.

«A violência armada não ocorre apenas na esfera pública», afectando «de forma muito particular mulheres na esfera privada». A violência doméstica e o uso de armas nesta esfera é, aliás, uma das vertentes abordadas pela equipa do CES.

O número de agressores a utilizar armas de fogo em situações de violência doméstica tem vindo a aumentar. Em 2008, foram 81 os casos registados, cerca do dobro de 2007, o que corresponde a 37%

Crimes aumentam mas mortes diminuem

■ O estudo indica ainda a existência de um aumento considerável de crimes com recurso a armas de fogo. Entre 2006 e 2007, para além do roubo, onde as armas de fogo são mais utilizadas (cerca de 87%), a ofensa física com recurso a armas, por exemplo, aumentou de 45% para 72% e a tentativa de homicídio de 36% para 55%, revelam os investigadores.

Das entrevistas realizadas no Estabelecimento Prisional de Coimbra – 38% da população prisional portuguesa – 22% dos reclusos cumprem pena por crimes directamente relacionados com armas de fogo, o que confirma esta tendência.

A criminalidade tem impac-

tos, assim como os acidentes associados às armas de fogo. «Por semana morrem, pelo menos duas pessoas em Portugal» nestas circunstâncias, revela o estudo, que contabiliza 682 vítimas de armas de fogo no nosso país entre 2003 e 2008. No entanto, convém frisar que se tem registado uma diminuição no número de mortes (em 2008 registaram-se menos 46 vítimas do que em 2006 e menos 12 do que em 2007).

No mesmo período, foram contabilizados 715 acidentes, 702 homicídios e tentativas de homicídio e 229 suicídios e lesões auto-inflingidas, números que são sempre menores do que os com uso a armas brancas. Estas consequências têm custos médios, directos e indirectos, que, de acordo com o estudo, se estima que sejam, entre 2003 e 2008, de 108 milhões de euros por ano. **A.M.**

do total de utilização de armas neste tipo de situações. Em 2006, correspondia a 1%. E muitas vítimas, apesar de se sentirem em perigo, não sabem sequer se o parceiro tem uma arma em casa.

«Para manter e perpetuar uma relação de dominação e de poder, a arma não tem que ser usada ou vista», garantem os investigadores que, de um questionário feito a 101 vítimas acompanhadas pela APAV, concluem que «a ameaça do uso de arma é a forma de intimidação mais comum, superior à exposição ou ao apontar da arma à vítima». De qualquer modo, 30,7% das vítimas diz que o agressor «possui ou tem acesso a armas de fogo».

Um dado curioso, e tendo em conta entrevistas a detidas na prisão de Tires, é que «parte significativa dos relatos deu conta do

uso efectivo de armas de fogo em situações de violência doméstica, em particular como forma de reacção a um historial de maus-tratos» por parte das vítimas.

Coimbra em 13.º lugar

Este estudo vem desmistificar a imagem «estereotipada» de que as armas de fogo são quase exclusivo «das periferias das grandes cidades, que as armas legais constituem os maiores perigos, especialmente pistolas e revólveres».

«Os jovens das periferias das grandes cidades não são os únicos ou principais detentores de armas de fogo», garantem os investigadores, que, traçando o perfil do utilizador, apontam para um homem, português, entre os 40 e os 64 anos (correspondem a 58% dos que pediram licença em 2008 e 2009) e deten-



NÚMERO de apreensões de armas aumentou 146% a partir de 2006

tor, em larga maioria, de armas de caça, que são, também, as mais apreendidas pelas autoridades (36% entre 2006 e 2008).

Os investigadores, que entrevistaram jovens dos Centros Educativos dos Olivais, em Coimbra, e Navarro Paiva, em Lisboa, chamam ainda a atenção para o facto de os 204 a cumprir internamento em Portugal re-

presentarem apenas 0,015% da população jovem do país. «Existe uma percentagem muitíssimo mais elevada de jovens que optam por não se envolver em práticas ilegais e/ou violentas, especialmente em práticas que envolvem o uso de armas de fogo» o que mesmo nos centros educativos é uma realidade «residual».

«O estudo permite também perceber que as armas de fogo não são uma realidade circunscrita às zonas suburbanas de Lisboa e Porto, mas antes algo disseminado pelo país inteiro». O distrito de Lisboa é aquele onde existem mais licenças, mas no ranking estão distritos como Faro, Santarém, Setúbal e, só depois, o Porto. Coimbra está em 13.º lugar. ||

**METADE
DAS ARMAS
EM PORTUGAL
ESTÃO ILEGAIS**

CES DIVULGA ESTUDO P7

